

Entre heranças e construções coletivas, um dicionário biográfico das esquerdas latino-americanas, movimentos sociais e correntes políticas. Um projeto que inicia sua construção¹

Sandra Jaramillo Restrepo²

Avatares da biografia, a título de introdução

Escritores, ensaístas e historiadores latino-americanos demonstraram uma prolongada inclinação ao cultivo do gênero biográfico, aquele que visa reconstruir a unidade de uma vida. Ainda que a onda estruturalista também tenha tido sua versão

¹ Este artigo foi originalmente publicado em *Políticas de la Memoria*, n. 20, Buenos Aires, 2020, p. 291-310. A tradução ao português foi realizada por Luccas Eduardo Maldonado, doutorando em História pela Universidade de Campinas (UNICAMP), bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Durante o processo de conversão ao português, Sandra Jaramillo Restrepo realizou algumas atualizações em seu texto. Agradece-se a professora Vanessa Teixeira de Oliveira e ao doutorando Caio César Pedron pelas minuciosas revisões.

Submetido em: 09/05/2022 - **Aceito em:** 30/05/2022.

² Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires (UBA). Bolsista de pós-doutorado do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas (CONICET) da Argentina. Coordenadora geral do programa Biografias do Sul, Dicionário Biográficas das Esquerdas Latino-americanas, do Centro de Documentação e Pesquisa da Cultura das Esquerdas (CeDInCI) e da *Revista Nueva Sociedad* (NuSo). <https://orcid.org/0000-0001-9076-1214>. Agradeço a Horacio Tarcus o convite para escrever este texto, assim como suas sugestões e contribuições para sua elaboração.

na região nas décadas de 1960 e 1970, a biografia nunca perdeu completamente seu atrativo. As mais distintas perspectivas negaram seu caráter científico por considerá-la muito apegada à subjetividade e à individualidade. Aqueles tempos faziam urgente o estudo das estruturas, primeiramente a partir do funcionalismo, mais tarde a partir do estruturalismo e finalmente a partir de uma visão marxista da história como totalidade. Em sincronia com a profissionalização das ciências sociais no continente, o gênero biográfico escapou das recepções da *Escola dos Annales* ou de seu par norte-americano, a *New Economic History*, e inclusive da psicanálise e da antropologia estrutural.³

Pouco tempo depois, esse “gênero impuro” que é a biografia, tão mal quisto com a especialização da história e das ciências sociais, conseguiu aumentar seu poder de atração recriando o seu protagonismo.⁴ Personalidades históricas, exemplares e antiexemplares, intelectuais, artistas, mulheres destacadas e líderes políticos carismáticos seguem sendo objeto de atenção, tal como se pode ver em obras de interesse geral produzidas em alguns de nossos países.⁵ Enquanto isso, a biografia continuou seu desenvolvimento em campos especializados como *gênero, método*

³ Dois ensaios que oferecem um panorama desse processo são: “Hacer la historia, saber la historia: entre Marx y Braudel” de Carlos Aguirre Rojas (1986) e “Guía de perplejos: una mirada a la historiografía colombiana” de Jesús Antonio Bejarano Ávila (1997).

⁴ Uma reconstrução histórica internacional, ainda que centrada na França, é oferecido pelo clássico livro de François Dosse (2009) *O Desafio biográfico*.

⁵ Entre os exemplos que se podem citar estão a *Coleção Documental da Independência do Peru*, promovida pelo governo desde 1969; a produção de Ignacio Arizmendi Posada (1989), *Presidentes da Colômbia 1810-1990*, que faz parte da coleção *Nova História da Colômbia*; a série *Os nomes do poder*, publicada pelo Fundo de Cultura Econômica da Argentina desde 1996; a *Coleção Grandes do Chile*, editada pela Universidade de Santiago de Chile desde 2010; e o *Diccionario bibliográfico brasileiro* de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake.

e recurso.⁶ Sem que muitas das advertências do estruturalismo perdessem totalmente sua atualidade – especialmente a deslegitimação ao velho objeto da biografia, isto é, o herói ou o santo e suas derivações hagiográficas –, o *giro subjetivo*, que vai se fazendo nas ciências sociais, abriu espaço para uma nova versão da biografia.

A biografia como *gênero* alude a uma forma de escrita e pensamento que se desloca constantemente entre as escalas do micro e do macro, entre o público e o privado, que enfrenta os desafios da intimidade, e que trata de captar a permanente e sutil construção do eu.⁷ Em termos de *método*, os desafios são múltiplos e mais do que uma metodologia padrão, a biografia tem sido o âmbito para se levantar uma série de questões. É conhecida a máxima de Pierre Bourdieu (1998) sobre a “ilusão biográfica” que sintetiza boa parte dos incômodos despertados pela biografia enquanto método, sobretudo o seu tratamento de uma vida a partir de uma perspectiva de unidade e a formulação tácita de um pacto entre biógrafo e biografado que suspende uma abordagem crítica da narração biográfica. Fazer biografia assumindo essa crítica implica tomar a vida estudada como um caminho que é possível se reconstruir *a posteriori*, mas que no seu próprio desdobrar não foi previsível nem determinada, ainda que o próprio sujeito possa narrá-la nesses termos. O jogo de possibilidades da biografia é significativo se considerarmos suas múltiplas variantes nas ciências sociais: a história de vida, a entrevista biográfica, a história oral, a autobiografia, os estudos de trajetória, a biografia intelectual. A isso se soma a distinção entre biografias individuais e coletivas, sem deixar de atentar-se para a advertência de que, no fundo, toda biografia é social, pois quando se analisa uma única personagem busca-se desvendar o modo como a sociedade interfere nessa vida

⁶ Inspiramo-nos na reflexão de Paula Bruno (2016), “Biografía, história biográfica, biografía-problema”.

⁷ Uma referência já clássica sobre esse aspecto da biografia se encontra em Leonor Arfuch (2010), *O espaço biográfico*.

concreta.⁸ Também são múltiplas as possibilidades da biografia se considerarmos seus pontos de encontro com a disciplina histórica, tal como a caracteriza a reflexão precoce de José Luis Romero (1944) e as variantes próprias dos diversos países da região. Mais recentemente encontramos as reflexões provenientes da história intelectual, a qual contribuiu com a renovação biográfica por meio de ferramentas teórico-metodológicas voltadas ao aprofundamento da relação vida-obra, da biografia intelectual e da exploração e análise de uma série de materialidades que envolvem essa práxis. A biografia coletiva foi justamente objeto do II Congresso de História Intelectual da América Latina em 2014, realizado em Buenos Aires (TARCUS, 2015).

Em termos de *recurso*, a biografia tem sido útil para abordar problemas diversos como períodos históricos, setores sociais ou grupos populacionais. Um exemplo do primeiro são as historiografias nacionais e posteriores correntes revisionistas que tratam de personagens como Belgrano, San Martín, Artigas, O'Higgins, Miranda ou Bolívar como via para compreender os processos sociopolíticos dos países ou nações nascentes. Em relação aos setores sociais, a reconstrução biográfica de elites locais, políticas e intelectuais, ou das classes médias foi um recurso da historiografia liberal para estudar a formação dos Estados Nacionais. Já outra vertente historiográfica retomou o papel dos setores populares, contra-hegemônicos ou de esquerda na construção de sociedades, recorrendo também aos perfis biográficos. Sobre grupos populacionais, há estudos de gênero balizados na reconstrução biográfica de mulheres.

Em síntese, ainda que a biografia fosse questionada no meio acadêmico durante os anos de 1970, ela gozou ao mesmo tempo de popularidade ininterrupta em espaços mais amplos, jornalísticos,

⁸ O sociólogo Ernesto Meccia (2020) liderou uma obra coletiva recente na qual se apresentam pesquisas classificadas em quatro estilos de aplicação do método biográfico: 1) o que reconstrói entidades socio-estruturais; 2) o que realiza micro-história; 3) o que reconstrói culturas grupais; 4) e que revela marcas narrativas dos sujeitos.

pedagógicos e de divulgação, além disso a renovação posterior dentro de âmbitos especializados foi contundente.⁹ Essa ampla e plural tradição biográfica sobre a qual somente apresentamos um breve resumo conecta-se com um reflorescer mais amplo do gênero que está presente nas subjetividades contemporâneas que manifestam uma maior exibição do eu, que como campo de estudos realiza-se via coletividades e redes nacionais e internacionais.¹⁰

Contudo, nosso objeto são as biografias coletivas propostas a partir da história social, da história política e da história intelectual, e encontram nos dicionários uma forma específica de orquestração. Apresentam-se pontualmente os avanços de um projeto elaborado por várias gerações de historiadores: o *Dicionário Biográfico das Esquerdas Latino-americanas, Movimentos Sociais e Correntes Políticas* que hoje começa a se concretizar. Antes disso, revisitam-se as experiências realizadas nos âmbitos nacionais, avançando para um

⁹ Entre os muitos exemplos dessa renovação biográfica no interior da historiografia e das ciências sociais pode-se citar: *Zapata y la Revolución Mexicana* de John Womack (1969); *Daniel Cosío Villegas: una biografía intelectual* de Enrique Krauze (1980); *Bolívar* de Indalecio Liévano Aguirre (1985); *José Hernández y sus mundos* de Tulio Halperin Donghi (1985); *El marxismo olvidado en la Argentina: Silvio Frondizi y Milcíades Peña* de Horacio Tarcus (1996); *Che Guevara: Una Vida Revolucionaria* de John Lee Anderson (1997); *Técnica y utopía. Biografía intelectual y política de Alejandro López, 1876-1940* de Alberto Mayor Mora (2001); *Entre la historia y la libertad: Luce Fabbri y el anarquismo contemporáneo* de Margareth Rago (2001); *José Revueltas, una biografía intelectual* de Jorge Fuentes Morúa (2001); *El regreso del camarada Flores Magón* de Claudio Lomnitz (2014); *Luis Emilio Recabarren, una biografía histórica* de Julio Pinto (2014); *Luis Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos* de Daniel Aarão Reis Filho (2014); *Caio Prado Júnior: Uma biografia política* de Luiz Bernardo Pericás (2017); *Felipe Ángeles, el estratega* de Adolfo Gilly (2019); e *Amor e Libertação Em Maria Lacerda de Moura* de Patrícia Lessa (2020).

¹⁰ Exemplos disso são a Rede de Estudos Biográficos, impulsionadas na Argentina por Paula Bruno, a Rede Europeia sobre Teoria e Prática da Biografia e o Grupo de Pesquisa de Memórias, Trajetórias e Biografias coordenado pelos professores Wilton Carlos Lima da Silva e Katina Anhezini da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

balanço das contribuições e desafios que temos pela frente. Toma-se partido por uma forma de pesquisa biográfica que, enquanto se aprofunda na história local e nacional, sustente também o horizonte internacional e especialmente o latino-americano.

Apostas socio-biográficas latino-americanas

Como demarcamos, os estudos das esquerdas foram construídos em tensão com a historiografia liberal para mostrar que a construção da sociedade não é efeito apenas do fazer concreto das elites político-intelectuais, mas também do devir dos setores populares e assalariados: “a história argentina do fim do século XIX e XX não poderia sequer ser compreendida sem se referir à precoce conformação de uma classe trabalhadora de origem imigratória” (TARCUS, 2007, p. XI). Isso também é evidente na história latino-americana, a qual não se pode compreender sem o papel das classes subalternas na épica revolução mexicana, sem o incipiente movimento operário colombiano que deu lugar a um criativo socialismo de cunho romântico desde a década de 1920 ou mais adiante sem o impacto mundial da revolução cubana.¹¹

Por sua vez, o entendimento desses processos de classe ou de setores subalternos está diretamente associado ao tratamento das figuras que os agenciaram, para o qual foram múltiplos os estudos que se detiveram em reconstruir biografias de figuras de vanguarda que tiveram lideranças significativas e alcançaram visibilidade para além das fronteiras nacionais. Centrar-se nessas figuras e estabelecer relações entre elas constitui um avanço inegável, porém ao mesmo tempo é insuficiente uma vez que em matéria de emancipação social o protagonismo é das

¹¹ Entre a vasta bibliografia latino-americana sobre o tema está: *Historia del movimiento obrero latinoamericano* de Ricardo Melgar Bao (1988); *La izquierda uruguaya* de Gerardo Caetano, Javier Gallardo e José Rilla (1995); *La izquierda mexicana a través del siglo XX* de Barry Carr (1996); *Historia del Comunismo en Chile* de Sergio Grez (2011); *Marx e a América Latina* de José Aricó (1982); *Trabalho urbano e conflito social* de Boris Fausto (1976).

multidões ou das massas. Muitos homens e mulheres, ofuscados pelo brilho de figuras de vanguarda carismáticas, contribuíram significativamente com as lutas sociais, as conquistas políticas e a transmissão de uma cultura de esquerda que joga com identidades, hábitos e posicionamentos; foram centrais na recepção, na tradução e circulação de ideias e nas correntes intelectuais; contribuíram e fizeram essa história mais concreta nomeada com o conhecido termo “história dos de baixo”. Um conjunto incomensurável de figuras desse tipo permanece oculta na história da região. Em termos técnicos isso se explica pela dificuldade de recuperar-se individualmente algumas figuras devido à escassez de fontes ou à aspectos teóricos relativos ao fato de que suas trajetórias foram muito breves no mundo das esquerdas, sendo difícil justificar seu tratamento como foco de processos sociais mais amplos. Manter, no entanto, na obscuridade esse tipo de figura nos circunscreve a uma perspectiva parcial e imprecisa de uma história modelada por alguns/algumas poucos/poucas e nos leva a replicar a versão de que a história está constituída por elites, nesse caso, operárias ou das esquerdas.

Os modernos dicionários biográficos do movimento operário, surgidos desde meados do século XX, principalmente na Europa, são uma ferramenta metodológica para superar essa lacuna, pois servem-se justamente de dados volumosos, definem uma maior quantidade de figuras sem distinguir o seu nível de protagonismo e conservam-se sempre abertos e com possibilidade de expansão, já que aspiram a uma totalidade. Essa amplitude pode ser prejudicial para o aprofundamento da individualidade fascinante que encarna toda vida humana e justifica exercícios biográficos ou autobiográficos menos elaborados, porém a escala coletiva contribui para uma construção mais enriquecedora de “perfis” sociais, tal como reivindicava o historiador Jean Maitron (1910-1987) para o caso do movimento operário na França.

Alguns trabalhos prévios reconstruíram a construção do icônico *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*, promovido desde 1955 por Maitron, pesquisador pioneiro por introduzir uma perspectiva biográfica no estudo do movimento

operário sem se limitar aos seus principais dirigentes, abarcando um conjunto amplo de vidas que ficavam desconhecidas de forma injustificável. Sintomaticamente, esse projeto de Maitron começou quando o estruturalismo deslegitimava a biografia individual, reivindicando a biografia coletiva como meio para a reconstrução de trajetórias como possíveis observatórios para analisar estruturas sociais, econômicas e políticas (BOURDIEU, 1998; CHARLE, 2014; VERRET, 1996). Dessa maneira, Maitron vinculou-se a uma corrente teórica mais ampla, pois após a publicação do seu estudo outros dicionários nacionais surgiriam no continente europeu: Grã-Bretanha, Itália, Polônia, Espanha, entre outros.¹²

O desenvolvimento desse projeto também incluiu o continente americano via o processo de circulação internacional de ideias, mais especificamente por meio do papel mediador do historiador Robert Paris (Marseille, 1937), próximo de Maitron. Paris promoveu a ideia de que um dicionário ao estilo de Maitron devia concretizar-se em uma realidade sociopolítica distinta da Europa como a América Latina. Dedicou parte de sua carreira acadêmica para tal fim. Alguns textos narram como Paris foi influente na geração de historiadores que renovou a leitura de Mariátegui e a recepção do marxismo na região, entre os quais se encontram José Aricó, Oscar Terán e Alberto Flores Galindo, e como seu trabalho docente estendeu-se a uma geração posterior de historiadores da região, que frequentaram os cursos ministrados por ele como professor titular na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*

¹² Publicaram-se 44 volumes em papel entre 1964 e 1997 sob a direção de Maitron, 29 dos quais foram editados em colaboração com Claude Penetier. A dinâmica acumulativa preserva-se até hoje no formato online (maitron.fr), liderado pelo mesmo Penetier juntamente de Paul Boulland. Para detalhes e contrastes entre os dicionários europeus, cf. “Los diccionarios biográficos del movimiento obrero: análisis comparado de un género científico” de Bruno Groppo (2013); “Escrevendo a biografia dos ‘obscuros e ativos’: A experiência do dicionário do movimento operário na cidade do Rio de Janeiro” de Claudio Batalha (2009); “Los diccionarios biográficos de América Latina, entre la historia del movimiento obrero y las izquierdas. Un homenaje a Robert Paris” de Horacio Tarcus (2017).

(EHESS).¹³ De fato, alguns dos historiadores pertencentes a essa geração reconhecem em seus estudos posteriores o papel de Paris, como por exemplo o brasileiro Claudio Batalha, o guatemalteco Arturo Taracena e o peruano Ricardo Melgar Bao (1946-2020). O argentino Horacio Tarcus, que há mais de uma década assumiu o objetivo de impulsionar um dicionário regional, afirma que a iniciativa é em si mesma uma homenagem a Paris.¹⁴

Foi possível identificar seis iniciativas conectadas à tradição de biografias coletivas vinculadas de forma explícita ao *Diccionario* de Jean Maitron, quatro das quais chegaram a se tornar produtos editados em papel. Referimo-nos ao *Diccionario biográfico del Movimiento Obrero Urbano de Guatemala. 1877-1944* em coautoria de Arturo Taracena Arriola e Omar Lucas Monteflores (2014); ao *Dicionário do movimento operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920 militantes e organizações*, liderado por Claudio Batalha (2009); a *Perfiles en sombra: aportes a un diccionario biográfico de los orígenes del movimiento sindical en Uruguay (1870-1910)* com autoria de Carlos Zubillaga (2008) e ao *Diccionario biográfico de la izquierda argentina. De los anarquistas a la "nueva izquierda" 1870-1976*, sob direção de Horacio Tarcus (2007).

A respeito da biografia coletiva do movimento argentino, o primeiro projeto foi estabelecido por Robert Paris na École des Hautes Études, de Paris, ao convocar um grupo de jovens historiadores exilados na Europa: Edgardo Bilsky, Eduardo Bitloch,

¹³ Sobre o tema, cf. "Biografía y 'perfil' del movimiento obrero. Algunas reflexiones en torno a un Diccionario biográfico del movimiento obrero de América Latina" de Robert Paris (2013).

¹⁴ Na introdução de seu próprio dicionário, Taracena relata que o projeto data do momento em que se integrou "no início dos anos 1980 a equipe sobre a história do movimento operário latino-americano que o doutor Robert Paris dirigia na École. Entre os historiadores que compunham a iniciativa lembro-me dos argentinos Ricardo Falcón, Jorge Gelman, Bernardo Gallitelli e Edgardo Bilsky, dos peruanos Héctor Milla e Ricardo Melgar Bao (por correspondência), e dos mexicanos Javier Torres e Rafael Loyola" (ARRIOLA; MONTEFLORES, 2014; BATALHA, 2009; TARCUS, 2017).

Ricardo Falcón e Bernardo Gallitelli. Ainda que esse dicionário não tenha se concretizado, a produção total de micro biografias alcançou quase duas mil entradas, segundo o próprio Ricardo Falcón (1945-2010) em um artigo publicado em 1991 que retomou uma parte das entradas para estabelecer um perfil do movimento operário argentino: “desse conjunto, utilizamos 778 referentes ao período de 1860-1906, como base para esse trabalho e que foram realizadas por Eduardo Bitlloch, Ricardo Falcón e Robert Paris” (FALCÓN; MACOR; MONSERRAT, 1991). As entradas produzidas por Falcón foram publicadas de forma póstuma pela historiadora Mirta Zaida Lobato (2014); enquanto que as elaboradas por Bilsky permanecem hoje no CeDInCI como parte do Fundo Edgardo Bilsky, que conta com 46 caixas de documentação sobre o movimento operário argentino.¹⁵ Não se conhece o paradeiro das entradas elaboradas pelos demais historiadores. Na imagem n. 1, pode-se apreciar a listagem elaborada para o grupo pelo próprio Paris.

As outras iniciativas, que aguardam ainda suas versões em papel, são a peruana e a colombiana. No caso do Peru, refiro-me à obra de Ricardo Melgar Bao, anunciada em eventos acadêmicos como *Diccionario biográfico del movimiento obrero y popular peruano (1848-1959)* em coedição com Pacarina del Sur e Fondo Editorial da Universidade Nacional Mayor de San Marcos. O recente falecimento de Melgar Bao enluta boa parte da comunidade de historiadores, porém sua obra está próxima da publicação de forma póstuma graças aos trabalhos de pesquisa e de edição que atualmente levam a cabo Manuel Pásara, Perla Jaimes e Dahil Melgar. Desde a década de 1980, Melgar Bao dedicou parte de sua trajetória acadêmica à acumulação de entradas biográficas para realizar essa admirável obra que reunirá ao redor de 2.500 textos. Como se mencionou, a ascendência de Robert Paris na construção dessa obra foi significativa. O próprio Paris estabeleceu uma primeira listagem do caso peruano e escreveu duas dezenas de micro biografias. Contudo, o papel de Hilda Tísoc Lindley (1947–2017), companheira

¹⁵ Sobre este fundo cf.: http://archivos.cedinci.org/index.php/fondo-edgardo-bilsky;isad?sf_culture=fr.

de Melgar Bao, também foi chave. Ativista sindical, feminista, editora, docente e autora do livro *La agonía social de Flora Tristán y el movimiento feminista* (1971), Hilda teve uma formação inicial em Letras e realizou um mestrado em Estudos Latino-americanos pela UNAM. Essa experiência possibilitou somar-se à produção de entradas biográficas peruanas, especialmente de mulheres, que seguramente virão à luz proximamente e cujas versões prévias foram publicadas em alguns blogs de ativismo feminista.

Por fim, a iniciativa colombiana ocorre desde 2014 e atualmente é liderada por Juan Carlos Celis, Sandra Jaramillo Restrepo, Rosario Arias, Gabriela Pinilla e pelo Coletivo Lamariacano. Essa experiência conseguiu reunir uma centena de entradas biográficas a partir de um critério amplo de esquerdas que tensiona a própria ideia de militante, pois reivindica experiências de esquerdas que no país andino foram menos hegemônicas do que as revolucionárias e cujos participantes se auto representaram como simpatizantes, ativistas ou, mais recentemente, líderes. Na elaboração das entradas colombianas, deu-se, ademais, uma sinergia entre historiadores profissionais, alguns especializados em história intelectual e estudos biográficos, e ativistas ou familiares de ativistas que fizeram da escrita das entradas um exercício mnemônico.¹⁶

Ressaltar essas iniciativas não nos leva a desconhecer outros dicionários produzidos nessa parte do globo que também fizeram sua aposta no amplo terreno das esquerdas ou aqueles projetos atuais que fazem uso de formatos online para produzir biografias coletivas.¹⁷ No entanto, decidimos destacar as iniciativas

¹⁶ Uma breve apresentação gráfica dessas experiências foi disposta em: <http://diccionario.cedinci.org/apuestas-biograficas/>.

¹⁷ Em relação a outros dicionários podemos mencionar: *Diccionario biográfico de mujeres argentinas* de Lily Sosa de Newton (1986); *Reseña biográfica de dirigentes que interpelaron el mundo del trabajo en Córdoba 1900-1950* dirigido por Gardenia Vidal (2014); e a recente produção de orientação militante *Nunca los olvidaremos. Luchadores sociales su legado a la historia* da organização AAVV (2019). Entre os projetos online: <http://culturasinteriores.ffyh.unc.edu.ar/inicio.jsp> y

mencionadas porque tentam responder a um enfoque e aposta biográfica com metodologia visando favorecer futuros exercícios de convergência e comparação.

Impossível não mencionar e não estabelecer diálogo com outras duas experiências. A primeira é o louvável antecedente dos dicionários operários na América Latina que foram feitos no Chile em 1910 por meio do enorme esforço do operário jornalista Osvaldo López (1912, p. 3). Com uma tendência “exaltadora” das elites operárias, esse dicionário inscreve-se em sincronia com os antecedentes do próprio dicionário de Jean Maitron:

Conhecidos escritores ocuparam-se extensivamente em compilar e transmitir à posteridade as façanhas e os méritos dos homens públicos, dos servidores da Nação, dos heróis da milícia, dos cultores das letras e das artes, dos industriais e até dos homens de negócio afortunados em suas transações!

Mas, nenhum escritor fixou-se ou quis atentar-se à silenciosa grandeza desse Manso Anônimo que se chama Povo.

A história editorial dessa obra foi recentemente reconstruída pelo pesquisador Juan David Murillo Sandoval, que analisa o dicionário não só como um reservatório de perfis biográficos (a autobiografia foi substancial para os construir), mas também como uma composição pela qual López buscou canonizar algumas figuras da classe operária pelo viés da sociabilidade e da militância como características exemplares. Uma das acepções específicas da sociabilidade que Murillo (2016) encontrou no dicionário chileno foi como “desempenho associativo” e esforços a favor da “fundação e organização de organizações operárias de diferentes tipos”, as quais se reivindicavam como espaços de cultivo intelectual dos operários. A militância, por sua vez, estava basicamente

<http://historiasuniversitarias.edu.uy/>; <https://www.bfscollezionidigitali.org/collezioni/6-dizionario-biografico-online-degli-anarchici-italiani/>; <http://latinoamericana.wiki.br/@@verbetes>.

associada ao Partido Democrático quando este se tensionava com a fundação do Partido Operário Socialista, liderado por Luis Emilio Recabarren.¹⁸ A obra de López foi reeditada em três ocasiões e a análise das diversas edições permitiu a Murillo Sandoval concluir que foi construída por tiragens posteriormente encadernadas, pois como toda obra desse tipo os anexos e adendos eram inevitáveis.

Esse antecedente não apenas surpreende por seu caráter precursor, destaca-se que vários aspectos metodológicos são atuais. Se os dicionários modernos focam-se nas multidões operárias (abrindo o universo para as esquerdas e os movimentos sociais) e tomam distância dos cânones que excluía algumas figuras e reivindicavam outras com critérios normativos, algumas características do dicionário de López podem ser retomadas, sobretudo: o uso de certas fontes; a construção de campos que façam comparáveis as entradas biográficas; a sociabilidade como característica de biógrafos e biografados; assim como a centralidade concedida às dinâmicas intelectuais. Ou seja, um operário jornalista reivindicou, no princípio do século, os espaços de sociabilidade como próprios ao cultivo intelectual de operários e deu lugar a uma obra pioneira de um gênero específico da Ilustração como é um dicionário, o qual “serviu para visibilizar uma elite que considerava a si mesma como reitora, instrutora e representativa do mundo operário chileno (SANDOVAL, 2016, p. 127). O quadro n. 1 contém uma síntese das características dessa obra pioneira.

¹⁸ Murillo Sandoval (2016, p. 113) mostra que a história dos dicionários pioneiros no Chile se estendeu até 1923, quando o Partido Demócrata publicou um novo sob a responsabilidade de Pedro Segundo Prado, diretor geral do PD em Temuco, chamado de *Diccionario biográfico de los demócratas de Chile*. Ainda que incorporasse os verbetes do dicionário de López, Prado deixou de lado o seu predecessor e a sua noção de operários.

Quadro n. 1. Características do Dicionário Biográfico Operário do Chile

Geografia	Objeto	Período	Fontes	Entradas	Características de método	Enfoque	Produção
Chile como unidade geográfica. Atende-se tal critério no próprio Dicionário porque suas primeiras páginas são dedicadas às regiões do país onde ocorreram as primeiras experiências operárias	“Povo”. Figuras da liderança da classe operária.	Incluía figuras contemporâneas do autor.	Auto-biografia e entrevista biográfica como fontes.	Em suas duas versões: total de 268 biografado.	Entradas narrativas. Mais campos afins: proveniência; participação em associações ou partidos; papéis ou cargos; produção intelectual (escrita, arte) e incentivo para escolas e bibliotecas.	Característica hagiográfica, pois as figuras são exemplares. Escrita narrativa abarca as vidas de forma ampla.	Coletiva com autoria para cada entrada. Implicou mobilização social: comitês urbanos; <i>matinéés</i> para reunir fundos e cooptação de biógrafos; grupos com cargo e funções; viagens para recolher informação.

Fonte: síntese própria a partir de: Osvaldo López, op. cit. e Juan David Murillo Sandoval, op. cit.

Outra experiência a qual se deve fazer referência é a constituída por Lazar e Víctor Jeifets, pai e filho respectivamente, que teve uma primeira versão impressa em 2001 intitulada *Latinskaia Amerika v orbite Komintern* (*América Latina na órbita do Comintern*). Em 2004, saiu a primeira versão em espanhol com o título *América Latina e a Internacional Comunista. Dicionário Biográfico*, à qual se somou como autor o pesquisador suíço Peter Huber. Segundo o relato dos próprios Jeifets (2004), apresentava-se no seu conteúdo “várias biografias revisadas e estendidas, além de informações precisas a respeito dos seus pseudônimos”. Encontramos duas edições posteriores desse dicionário nas quais se adiciona no título a periodização abarcada: 1919-1943; ambas disponíveis na internet de forma livre.¹⁹ Segundo o autor do prólogo, essas últimas contam com 1.500 entradas, 600 a mais do que a edição de 2004 que, segundo o texto de Bruno Groppo (2016) já citado, contava com 900. Cada uma das entradas responde a um modelo de trajetória com os seguintes dados: nomes, sobrenomes, pseudônimos, data e lugar de nascimento, origem social e formação profissional, não chegando a se constituir como uma narração biográfica propriamente. Esse dicionário coloca-se como pioneiro por causa dos seus interesses nos vínculos da Comintern com a América Latina. Especificamente, foram considerados aqueles “quadros” que participaram “da atividade internacional dos Partidos Comunistas Latino-americanos e da Comintern”, deixando de lado com isso “uma parte considerável de informações disponíveis sobre vários militantes e até dirigentes comunistas que não estavam inclusos na esfera da vida partidária”. Ademais, os Jeifets (2004, p. 438) advertiram que muitos das suas entradas têm dados mínimos e alguns apenas “prováveis” ou “possíveis”, porque as fontes disponíveis não permitem chegar a

¹⁹ Nessas duas edições chama a atenção a ausência do terceiro autor Peter Huber. A edição de 2015 está disponível em <https://books.openedition.org/ariadnaediciones/987> e a de 2017 em https://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana/libro_detalle.php?orden=nro_orden&id_libro=1284&page-Num_rs_libros=1&totalRows_rs_libros=1236&orden=nro_orden.

conclusões definitivas. Bruno Groppo (2016, p. 19-20) esboça que a produção do dicionário dos Jeifets é parte do desenvolvimento de diversas outras pesquisas viabilizadas pela abertura dos arquivos soviéticos. Mais precisamente, é um dos três projetos vinculados à problemática socio-biográfica. Os outros dois foram: o projeto da Universidade de Hannover dirigido por Michael Buckmiller e Klaus Meschkat; e o projeto interinstitucional no qual participaram uma equipe internacional composta por Claude Penetier, Serge Wolikow, Michel Dreyfus, José Gotovitch, Brigitte Studer, Peter Huber, Henri Wehenkel e Mikhaïl Narinski. A particularidade do dicionário dos Jeifets foi sua ênfase nas redes latino-americanas. Por sua vez, os três projetos coincidem em concentrar-se nas primeiras décadas do movimento comunista que se caracterizou por ter uma maior homogeneidade e em restituir uma massa militante ao estilo de esforço realizado por Maitron.

Dicionários latino-americanos postos em diálogo

Vale a pena retomar as quatro experiências na América Latina que produziram dicionários continuadores do projeto de Jean Maitron graças à mediação de Robert Paris e deter-se para contrastar alguns aspectos de sua composição. Os períodos abarcados nas obras indicam uma atenção especial para as origens do movimento operário quando esse abria caminho entre os artesãos e os anarquistas precursores. Nas palavras de Arturo Taracena (2014, p. 12), a classe operária começou a pulsar, de forma “atormentada”, entre modos de produção distintos e sincrônicos desde a segunda metade do século XIX para o caso guatemalteco. Sobre o desafio de situar as origens em nível regional, todas as obras deixam de lado os possíveis vínculos entre lutas independentistas e utopias de esquerda no novo mundo, porém o dicionário uruguaio enfatiza que o movimento operário desse país surgiu conectado à primeira modernização. Em relação ao recorte temporal, são as obras da Guatemala e da Argentina que esboçam melhor a configuração do movimento: as lutas com o anticomunismo em que se vê o país caribenho durante os anos 1930 e a formação da

chamada "nova esquerda" no Sul, brutalmente combatida pela última ditadura.

A variável geográfica é explícita em todas as obras, mas apenas o enorme Brasil decide enfrentar o assunto fazendo uma subdivisão de seu território. Nesse caso, colocam-se razões não apenas práticas, mas particulares do objeto, pois Batalha declara que o movimento operário desse país possui uma fragmentação constitutiva em termos cronológicos e geográficos. O período trabalhado (1830-1920) volta-se especificamente para regiões de antiga tradição artesanal como Rio de Janeiro, Recife e Salvador, enquanto é mais tardio em outras como São Paulo e Rio Grande do Sul. O macrocefalismo do movimento operário circunscrito em geral em cidades que são capitais é demonstrado com maior ênfase no caso guatemalteco, que localiza aí seu próprio alcance e a própria obra denomina-se "movimento operário urbano", pois não acessou a documentação das zonas rurais. No caso argentino, a participação de alguns pesquisadores locais contribuiu para esboçar algumas primeiras linhas da evolução do movimento para além da grande capital de Buenos Aires para dar conta de umas 550 vidas militantes na totalidade. Sintetizam-se no quadro n. 2 esses contrapostos anunciados.

Quadro n. 2. Características dos dicionários biográficos latino-americanos em contraste. Parte I.

	Tarcus (2007)	Zubillaga (2008)	Batalha (2009)	Taracena Arriola e Lucas Monteflores (2014)
Período	1870-1976 Pensado por gerações militantes. Desde a “pré-história” da esquerda e os primeiros anarquistas, até a “nova esquerda”. Não abarca a esquerda pós ditadura.	1870-1910 Etapa inicial da modernização uruguaia. Da Revolução das lanças à última tentativa armada.	1830-1920 Corresponde às origens do movimento no Rio de Janeiro.	1877-1944 Desde o início do mutualismo: primeira sociedade de artesões em 1877 (Sociedade de Artesões da Guatemala), efeito da Revolução Liberal de 1871, até a Revolução de Outubro.
Geografia	Argentina como unidade de análise com representação de províncias. Atento as redes internacionais, sobretudo as do Cone Sul.	Uruguai como unidade de análise.	Rio de Janeiro como unidade de análise. Núcleos estatais ou regionais para fazer “viável” a obra. Apresenta a fragmentação do movimento operário (geográfica e cronologicamente) ao menos até o fim da Primeira República (1930).	Guatemala como unidade de análise. Centrado na dinâmica urbana. Advertem sobre o “macrocefalismo” do país.
Entradas	550 vidas militantes. Fotografia em cada entrada.	Não se explicita. Sem fotografia.	839 entradas de pessoas. 397 entradas de organizações. Dados: fundação, período de atuação, localização, tipo, categoria de sócios. Sem fotografia.	830 entradas. Lista de mutuals, sindicatos e federações registrados em trabalho de arquivo. 59 fotografias ao final da obra.
Objeto	“Militância de esquerda” em sentido amplo. Inclui uma variável duração, ideologia e compromisso. Argentinos, nativos ou naturalizados, estrangeiros militantes, emissários não fugazes e argentinos que desenvolveram militância no exterior. Só falecidos.	Os “postergados” (comuns dos setores populares), que “aceitaram sair da passividade social”. “Proto-militantes” sindicalistas e seu entorno (solidários de diversas extrações). Dirigentes, militantes, afiliados, colaboradores ou participantes. Poetas, narradores, advogados, ideólogos ou difusores. Com critério inclusivo.	“Ativos e obscuros”: militantes em cargos não protagonistas. Termo militante usado em sentido amplo, dando lugar a diferentes tipos de compromisso com o movimento e diversas opções ideológicas.	“Massa de homens obscuros e de ação” ou “classes subalternas” (referência a Paris e Gramsci). “Proletariado típico”. Homens e mulheres com algum tipo de relação com o movimento operário: artesões, operários, propagandistas, políticos, cooperativistas, organizadores, intelectuais, escritores e periodistas. Não foram incluídos camponeses.

Fontes	Bibliografia do movimento operário (profissional e militante). Biografias, autobiografias, imprensa (nacional, local), periódicos, revistas, folhetos. Obituários, recordatórios, testemunhos, informes, relatórios, anúncios, denúncias, propagandas eleitorais. Arquivos militantes, pessoais, Komintern e policiais. Dicionários europeus.	Não declaradas, nem analisadas pelo autor.	Fontes clássicas dos estudos da história do trabalho: folhetos, informes publicados, imprensa. Documentação policial, registros cartoriais, memórias.	Hemerografia, folheteria, imprensa nacional e internacional, iconografia, cinema. Notícias necrológicas, listas de assinantes de revistas. Biografias, bibliografia operária, teses universitárias. Dicionários nacionais e estrangeiros. Ausências analisadas: arquivos de operários, partidos e polícia.
--------	---	--	---	--

Fonte: construção própria a partir das obras citadas (dicionários e reflexões posteriores sobre eles).

O objeto das obras é designado com termos como “vidas militantes” ou “protomilitantes” para enfatizar os momentos anteriores à formação do movimento operário como tal, também se usa “massa de homens obscuros e de ação”, “classe subalternas”, “ativos e obscuros” e “postergados”. Utiliza-se tais termos, pois são incluídas pessoas (homens e mulheres em menor medida) que desenvolveram de distintas formas compromissos com ideologias variadas e com intervenções de curta e longa duração. Ou seja, dirigentes e militantes, mas também afiliados, secretários contratados, oradores, agitadores, jornalistas, colaboradores da imprensa operária, operários, participantes do movimento grevista ou de ações de boicote e sabotagem, além de poetas e literatos que fazem de sua pena um meio de combate, assim como ideólogos ou difusores. Também advogados, defensores de sindicatos, militantes indiciados ou detidos, políticos e até estadistas. Figuras de filiação mutualista, anarquista, socialista, anarco-sindicalista, social-cristão, sindicalista, comunista, socialista, inclusive em muitos casos liberais (Guatemala e Colômbia) e, obviamente, revolucionários. Cada autor tenta conceber seu projeto com uma forma particular *do dizer*, com uma construção nominativa própria para apresentar essa multidão que elegeu para “tirar da

passividade social”, e configurar com sua vida e ações concretas o grande campo das esquerdas. Esse objeto multivariável e de certa maneira escorregadio, que cada autor esforçou-se para observar em seu contexto nacional, está guiado pela definição oferecida pelo próprio Maitron (TARCUS, 2017, p. XX):

Aqueles homens e mulheres (sejam trabalhadores manuais ou intelectuais, ativistas ou teóricos) comprometidos em uma ação (importante ou não, de larga duração ou não) que aspiram conquistar maior justiça social e maior liberdade (através de reformas ou por via revolucionária).

Assim, essas diversas nomeações exibem uma tensão com a própria ideia de militância e de seus usos para a América Latina. No caso argentino, por exemplo, a noção de militância é reivindicada com força porque se busca recuperar sua “positividade” depois que foi reduzida à dimensão de vítima nos processos de memória do último pós-ditadura. No caso colombiano, o esforço visa descentralizar a noção de militância de um sentido restritivo, constituído entre os anos de 1960 e 1980, à participação em partidos ou organizações revolucionárias. Nessa forma de entendimento, dificilmente são incluídas outras formas de compromisso, como a dos intelectuais de esquerdas ou a de figuras da institucionalidade estatal.

Se por um lado cada obra constitui seu objeto dando um recorte próprio ao movimento operário, por outro lado, a realidade obriga a uma flexibilidade que termina por abrir esse objeto e por construir novas e mais amplas delimitações em prol de abarcar as muitas variações de seres concretos que fizeram o grande campo das utopias sociais o meio de suas complexas realidades. Para tanto, as fontes tradicionais para atender a história do trabalho seguem sendo as privilegiadas, isto é, informes, atas, folhetos, fotografias, imprensa sindical, imprensa partidária, imprensa nacional e internacional. Existe abertura para um espectro de tipo ilimitado de fontes, entre as quais se destacam os arquivos policiais,

que a partir de uma perspectiva persecutória possuem episódios imprescindíveis dessa história. Menção à parte mereceriam as revistas, especialmente destacadas no dicionário argentino no qual se usaram para captar informações, mas também para entendê-las como espaços de sociabilidade política e cultural. Finalmente, autobiografias, memórias, diários ou correspondência são fontes que nessas obras começaram a ser utilizadas e que têm muito a dizer sobre domínios próprios da intimidade, que se vinculam com a configuração das militâncias, ativismo ou lideranças.

Em sua introdução ao dicionário uruguaio, Carlos Zubillaga (2008, p. 20) adverte sobre a pertinência de expandir a indagação para mundos privados como o da família, grupo que tem uma função “estruturante” dos afetos e das crenças que operam não apenas como mediações de gerações militantes, além de assumir dimensões configuradoras de identidades políticas. Nesse caso, como também no do dicionário argentino, as entradas são desenvolvidas em um estilo narrativo que vai dando conta da *vida* da personagem, sem se limitar à trajetória militante, a qual, embora central em todos os casos, se observa mais dominante no guatemalteco e no brasileiro. De fato, a aparição de um nome em práticas próprias da militância – como a assinatura em petições, atas de mutuais ou sindicatos e os relatórios de greve – é um critério para converter esse nome em uma das entradas no dicionário; e no caso do Rio de Janeiro a obra abarca a reconstrução biográfica das próprias organizações. Isso permite traçar um fio de afinidade com o velho dicionário chileno que ao se centrar na *sociabilidade* tinha nas organizações um observatório, um objeto a reconstruir e um critério analítico. Ver quadro n. 3.

O *gênero* humano como variável analítica é um desafio pendente nas experiências existentes. Deixar de excluir as mulheres é um objetivo explícito que chega a cumprir-se mais ou menos em cada caso, em boa medida pela linha programática indicada pelo próprio Paris, porém as marcações de sexo e gênero na militância viril, a reprodução das tarefas domésticas na vida militante, o suporte material concretado por mulheres e favorecedor das intervenções públicas dos homens, entre outros eixos analíticos

não são de todo atendidos pelos autores. Também a *etnia* é uma variável analítica que, ainda que reconhecida pelos pesquisadores como fundamental para reconstruir os perfis operários da região (negritudes no caso brasileiro e indígenas no caso guatemalteco), se mostra como uma abordagem incipiente, segundo eles indicam.

Quadro n. 3. Características dos dicionários biográficos latino-americanos em contraste. Parte II.

	Tarcus (2007)	Zubillaga (2008)	Batalha (2009)	Taracena Arriola e Lucas Monteflores (2014)
Enfoque	Referência a Maitron e Paris. Reivindicação da dimensão biográfica da história. "O pessoal é político". Horizonte: Dicionário latino-americano. Obra declarada aberta e em construção.	Referência a Maitron e Paris. Aponta que os dicionários europeus alcançaram ampla extensão, mas são carentes de informações sobre as redes com a América Latina. Obra que se propõe introdutória. Reconstruir identidade do mundo assalariado via: desafios, conquistas, fracassos, certezas, fraquezas, tradições, etnia.	Referência a Maitron e Paris, e a dicionários com recortes (locais, correntes políticas, grupos de trabalhadores). Obra que se declara aberta e "condenada" a incompletude. Relevância das organizações: biografias de algumas e critério para incluir como entrada os seus participantes.	Dedicado a Paris, professor do autor. Obra que se assume aberta. Internacionalismo e transnacionalismo do movimento operário. Fragilidade da categoria proletário por coexistência de modos de produção.

Características de método	<p>Representatividade: vertentes políticas, regiões, esferas de ação militante, gerações militantes.</p> <p>Campos: explícitos e ajustados e entradas narrativas apresentando a integralidade da vida.</p> <p>Busca o equilíbrio entre mulheres e homens.</p> <p>Biografia coletiva: articulação social de múltiplos e variados sujeitos. Não se reduz a singularidade, apresenta retratos coletivos, enriquecidos e complexificados.</p> <p>Estudo metódico de itinerários. Prosopografia: comparar, tipificar, relacionar, periodizar.</p>	<p>Não hagiográfica. Forma narrativa e inclui noção de <i>vida</i>, mas enfoca em atividades próximas do movimento operário.</p> <p>Inclui: espaço privado, mundo afetivo e crenças.</p> <p>Redes: pessoais, ideológicas, étnicas e familiares.</p> <p>Campos: não explicitados, mas se evidenciam: nomes e sobrenomes, pseudônimos, nascimento e falecimento, profissão, atividade militante.</p> <p>Sem fontes explícitas para cada entrada.</p> <p>Biografia coletiva: reconhece os rostos e ações do homem concreto, mas seu fim é o <i>tipo</i>.</p> <p>Atenta-se a intelectualização de militantes e jornalista.</p>	<p>Declara que poucas entradas se aproximam da “biografia formal”. Muitas são listas de participantes de organizações.</p> <p>Campos: nomes e sobrenome, nascimento e falecimento, dados da profissão, carreira, trabalhos realizados, trajetória militante.</p> <p>Fonte variáveis: étnicas (cores e mulatos). Tenta-se incluir mulheres (conseguiu-se poucas).</p> <p>Extensão: equiparação entre os mais conhecidos e os menos.</p> <p>Biografia coletiva: não se detém em detalhes individuais, mas enfatiza no conjunto e foca na série.</p>	<p>Nem hagiografia, nem lirismo.</p> <p>Campos: nome e sobrenome, pseudônimo, nascimento e falecimento, profissão, atividade militante.</p> <p>Fonte variáveis: o problema indígena. Instituiu-se o peso de etnicidade de maia, mas não é captável.</p> <p>Muitas mulheres. Declara escassa presença da ideologia e do discurso.</p>
Dinâmica de produção	<p>Participação direta no projeto de Robert Paris.</p> <p>Motivação: intercâmbios com pesquisadores/as nacionais e estrangeiros.</p> <p>Financiamento Fundação Guggenheim, 2003.</p> <p>A produção final contou com 20 colaboradores.</p> <p>20 anos de gestação.</p>	<p>Não declarada pelo autor.</p>	<p>Participação direta no projeto de Robert Paris.</p> <p>Academia: UNICAMP; pesquisador da história do trabalho.</p> <p>Rede de pesquisadores brasileiros com vínculos institucionais no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, norte e nordeste.</p>	<p>Estudante de R. Paris em 1978 com participação direta no seu projeto. Exiliado na França.</p> <p>Academia: Guatemala, México. A obra foi elaborada pelos próprios militantes ou familiares.</p> <p>36 anos de gestação.</p>

Fonte: construção própria a partir das obras citadas (dicionários e reflexões posteriores sobre eles).

Em síntese, são significativos os antecedentes socio-biográficos da região orquestrados na forma de dicionários e inspirados explicitamente nos trabalhos europeus de Maitron e Paris. Esses trabalhos foram biografias sociais sobre lideranças centrais constituídos por meio de várias penas. Foram elaborados no mundo acadêmico com conexões com o ativismo. Obras que se mostram como *recurso* para compreender o universo dos trabalhadores, militantes, ativistas, líderes, assim como sua incidência na construção da sociedade; que entendem a biografia como *método* para “aperfeiçoar o uso de categorias conceituais que aludem aos agentes coletivos” (ZUBILLAGA, p. 17) e forma para o estabelecimento de séries, comparações, tipificações, contrastes, redes, relações e periodizações; e que se dispõem a cultivar o *gênero* em uma forma de narração não hagiográfica, nem determinista, navegando entre o individual e o coletivo para dar contornos a vidas concretas.

Mãos à obra

Entre as tentativas de dar continuidade ao projeto de Robert Paris visando constituir para a América Latina um dicionário biográfico ao estilo de Maitron, estava o horizonte programático apresentado no dicionário argentino para o qual o seu autor estabeleceu redes na região e avançou, em diálogo com outros pesquisadores, na listagem de possíveis figuras a biografar (TARCUS, 2013). Circularam desde 2007 seis esboços sucessivos desse projeto, que se concebia em papel, reunindo um conjunto de 500 entradas que de alguma maneira chegaram a reunir aspectos de representação relativos a países, regiões subnacionais, presença de mulheres, famílias políticas, períodos, gerações de militantes, partidos políticos e organizações sociopolíticas ou revolucionárias (ver quadro n. 4).

A enorme riqueza e diversidade refletida por esse intercâmbio aprofundou-se nos últimos anos. A ideia inicial de um dicionário latino-americano em papel na qual se reuniram por volta de cinco centenas de nomes do “povo militante” foi

postergada basicamente por problemas de representatividade. Como dar origem a uma obra que ainda não representava, no seu conjunto de países, um número significativo de gerações, períodos e famílias políticas? O limbo que afetou o próprio projeto de Paris ameaçou esse projeto até que a alternativa digital produziu um efeito catalizador e encontra-se em plena execução hoje.

Outra vez foram os promotores do projeto de Jean Maitron que ofereceram um alternativa através da página web, <https://maitron.fr/>, na qual se articulou e divulgou a partir do fim de 2018 a produção europeia de dicionários de mulheres, anarquistas, trabalhadores, ferroviários, eletricitas, professores, fuzilados, executados e abatidos e voluntários da Espanha Republicana. Ou seja, dicionários que desde o princípio fazem apostas prosopográficas que articulam uma série de vidas segundo um critério comum ou um problema de pesquisa articulador. Além disso, inclui-se dicionários que se organizam a partir de um critério nacional: africano, belga, alemão, austríaco, chinês, Grã Bretanha e Irlanda; aos quais se soma o próprio dicionário francês, subdividido na já clássica periodização europeia: a) 1789-1864: Da Revolução Francesa à formação da Primeira Internacional; b) 1864-1871: Da fundação da Primeira Internacional à Comuna; c) 1871-1914: Da Comuna à Grande Guerra; d) 1914-1939: Da Primeira à Segunda Guerra Mundial; e) 1945-1968: Da Segunda Guerra Mundial à Maio de 68.

A situação de obra aberta e “condenada” à incompletude que vimos nos dicionários desse tipo encontrou na forma “online” e “em construção” uma possibilidade de existência, assim como uma oportunidade para reivindicar a condição de obra coletiva própria de todas as experiências precedentes que resenhamos. Preserva-se a marca de autoria na assinatura de cada uma das entradas biográficas e também se apresentam mediações (editoriais, correções, gestão de informação), redes internacionais e redes interinstitucionais.

Assim, em agosto de 2019, com sede no Centro de Documentação e Pesquisa das Esquerdas, CeDInCI, deu-se início à construção de uma página web que hospeda o *Dicionário Biográfico*

das Esquerdas Latino-americanas. Movimentos Sociais e Correntes Políticas, <http://diccionario.cedinci.org/>, e indica sua dinâmica de construção cotidiana. Estão entre os seus objetivos reunir o já produzido por muitas pessoas para apresentar uma espécie de “estado da arte”; disponibilizá-lo para a consulta pública e livre; e incentivar novas produções que permitam o desenvolvimento de campos de pesquisa, como os estudos biográficos, a história intelectual e os estudos das esquerdas e dos movimentos sociais.

No final de abril de 2022, um ano e meio após o seu lançamento, o Dicionário está perto de reunir 1.000 entradas biográficas compostas por 128 autores e uma equipe de editores e consultores internacionais notáveis. Os mais de 700 mil acessos registrados mostram um site que começa a ganhar a sua própria audiência.²⁰

²⁰ Vale destacar que esta opção do *Dicionário Latino-americano* não pretende excluir as produções nacionais, algumas das quais estão em curso. Ao contrário, impulsiona uma articulação e uma primeira plataforma para alcançar obras de cada país.

Quadro n. 4. Projeto de Dicionário Latino-americano produzido conjuntamente e liderado pelo historiador argentino Horacio Tarcus, desde 2007.

	Figuras identificadas	Categorias identificadas
Argentina	60	Anarquista, socialista, sindicalista, comunista, trotskista, peronismo revolucionário, guevarista, intelectual, estudante, jornalista, mulheres.
Bolívia	54	Igualitarista <i>cruceño</i> , nacionalista, padres de esquerda, sindicalista, socialista, anarquista, comunista, trotskista, indigenista, líder minero, muralista escritor, educador, sociólogo, pensador marxista, PC, PIR, MNR (lechinista), ELN, POR, CONDEPA, século XIX, anos 20, 30, 40.
Brasil	60	Não se precisou.
Chile	60	Utopista, anarquista, maoísta, dissidentes trotskistas, sindicalista, movimento operário. Partido Democrata, POS, PC, PSP, PS, MIR, MAPU, DC, IC. Mulheres Mapuches.
Colômbia	50	Anarquista, comunista, maoísta, liberal de esquerda ou popular, grevista, escritor/a. União Sindical Operária, Liga de Ação Política, Movimento Socialista Colombiano, Partido Liberal, PSR, PCC, PSD (browderismo), FARC, ELN, EPL, M-19.
Costa Rica	10	Não se precisou
Cuba	50	Independentista, anarquista (século XIX e XX), mutualista proudhoniano, trotskista, PSP, M-26, P. Autêntico, Unión Insurreccional Revolucionária, Assalto ao Moncada, líder estudantil, poeta surrealista.
Ecuador	28	Liberais radicais (fim do século XIX e início do XX), anarquistas (início do século XX), agraristas (décadas de 30 e 40), socialistas e comunistas (décadas de 20, 30 e 40), socialistas radicais (décadas de 60 e 70), nacionalistas, anti-imperialistas, revolucionários, maoístas, cristãos revolucionários, intelectuais, artistas plásticos, escritores.
Guatemala	Não se precisou	Não se precisou.
Granada	1	Não se precisou.
Guiana	Não se precisou	Não se precisou.
Haiti	25	Nacionalista, antiditatorial, socialista, sindicalista, jesuíta, Partido Comunista Haitiano, Partido Socialista Popular (PSP), Partido Popular da Libertação Nacional (PPLN), Partido do Entendimento Popular (PEP), Partido Unificado dos Comunistas Haitianos (PUCH), Partido Organização do Povo em Luta, Partido Adiante, Partido Organização do Povo em Luta, escritor, educador, poeta.
Honduras	Não se precisou	Não se precisou.

México	46	Século XIX, proudhoniano, anarquista, agrarista, nacionalista, trotskista, PCM, PC, PMT, EZLN, PSF, POCM, PSM, PRI, ACNR.
Nicarágua	Não se precisou	Exército de Sandino e FSLN
Panamá	Não se precisou	Anarquista, socialista, comunista, grevistas (inquilinos), Partido Trabalhista, Partido Comunista do Panamá, Associação de Jornalistas e Sindicato de Jornalistas do Panamá, Associação de Jornalistas e do Sindicato de Jornalistas do Panamá, Assembleia Nacional Constituinte, Assembleia Legislativa, escritor, ensaísta, jornalista, advogado, parlamentar.
Paraguai	50	Anarquista, feminista, socialista, dirigente campesino, dirigente dos padeiros, ourives, livre pensador, febrerista, Partido Obrero, PSR, PCP, PC Revolucionário, FORP anarquista, UGP, Movimento Prometeu.
Peru*	45	Utopista, anarquista, trotskista, guevarista, socialista, indigenista, jornalista, MRTA APRA, PC, ELN, MIR, PS, SL.
Puerto Rico	10	Sufragista, anarquista, escritor/a, tipógrafo, jornalista, deputado, marceneiro, operário, PS PC.
República Dominicana	9	Líder operário, sindicalista, PRD, Partido Socialista Popular, Movimento 14 de julho
El Salvador	40	Fundadores do movimento operários (1990-1929), fundadores do comunismo (1929-1932), sufragismo e feminismo, líder indígena, militantes da luta contra a ditadura de Martínez (1932-1944), cristãos revolucionários, quadros social-democratas e social- cristãos, militantes de organizações político militares (1970-1992), movimento social (1970-1992), PRS, ERP, FMLN, Movimento Nacional Revolucionário.
Uruguai	30	Batllista, batllista radical de esquerda, anarquista, sindicalista, colorado, senador, professor, consultor, deputado, desaparecido, preso político, exiliado, dirigente operário, portuário, matemático, historiador, intelectual, músico, poeta, jornalista, artista, PSU, PCU, FA, MLN, CNT, PVP, PDC, DA, UGT AIT socialista, Agrupamento Avançado.
Venezuela	20	Século XIX, pensador socializante, livre pensador, revolução liberal restauradora, petroleiros, antropólogo marxista, funcionário, PCV, PRV, AD, FALN PALN, MIR.

* Uma base de 140 entradas foi preparada para o projeto de Robert Paris por Ricardo Melgar Bao e Hilda Tísoc Lindley. Algumas das entradas foram feitas pelo próprio Paris, outras por Héctor Milla e uma por Pierre Broué. Nota de Horacio Tarcus.

Fonte: Síntese própria com base em diferentes versões do rascunho inédito construído em intercâmbio entre Horacio Tarcus e pesquisadores de diferentes países.

Além dos enormes esforços práticos e operativos que o desenvolvimento e a continuidade do projeto comportam, colocam-se em questão desafios teórico-metodológicos significativos.

O principal entre eles é o cultivo da biografia como *gênero*. Entende-se esse projeto socio-biográfico como uma empreitada que privilegia uma lente macro, segundo a qual a recuperação do indivíduo está subordinada à compreensão dos processos sociais, indicando uma visão atenta à crítica estruturalista da biografia e por sua vez conectada ao *giro subjetivo* almejando recuperar os/as atores da história, embora já não mais como heróis. Para isso, visa-se uma aproximação com a noção de *itinerário* e não tanto com a de *trajetória*, pois está no horizonte a compreensão da integridade da vida do biografado, nas suas diversas e múltiplas dimensões vitais, entendidas mais na lógica de fluxos do que na de segmentações (TARCUS, 2013, p. 142-143; PASSERON, 1995).

Não obstante se sustente o foco da construção dos verbetes nos pontos de encontro do biografado/a com o amplo campo das esquerdas e dos movimentos sociais, o certo é que seu ativismo, compromisso ou militância concretos é melhor compreendido quando se visualiza algo de sua dinâmica acadêmica ou profissional, sua origem familiar, seus vínculos com outros campos sociais ou culturais e inclusive ao se desvelar alguns detalhes de sua vida íntima. A “trajetória” oferece uma ideia mais linear e, em certa medida, progressiva da figura do biografado, enquanto o “itinerário” dialoga com os marcos contextuais ou, em outras palavras, com as estruturas de sociabilização sem deixar de observar como a figura desenvolveu um caminho mais contingente do que determinado, pois sem desconsiderar os condicionantes sempre há algum nível de agência na qual se desdobram decisões livres e ações. Obviamente, os alcances dessa pretensão estão nas fontes disponíveis que para muitos casos são escassas, principalmente por causa dos conhecidos problemas dos arquivos latino-americanos relativos às esquerdas, como também porque se trata de figuras que atuaram nas origens do movimento operário em países onde há escassa documentação.²¹

²¹ Em termos operativos, pretende-se que os verbetes biográficos desse dicionário apresentem um estilo narrativo no qual cada autor possa

Um segundo desafio está relacionado com a própria noção de esquerda. O dicionário latino-americano em curso assume desde o princípio uma pluralização: esquerdas. Assim, o movimento operário perde sua centralidade e relaciona-se com outros movimentos sociais que foram emergindo na medida que o século XX avançava. A subjetividade social pluraliza-se e já não é só o obrerismo que atua/opera dentro das esquerdas.²² São conhecidas as profundas tensões entre esquerdas e movimentos sociais. Existem por exemplo esquerdas relutantes, e inclusive reacionárias, às posições feministas e ambientalistas; também há movimentos sociais com perspectivas distantes das tradições político-partidárias ou diretamente direitistas. A construção de perfis biográficos de figuras que atuaram nesses movimentos a partir de uma perspectiva semelhante às esquerdas é um *recurso* para trabalhar essa tensão e observar como as esquerdas transformaram-se no tempo, nas diferentes geografias e em casos nacionais ou subnacionais concretos.

Como bem aponta Murillo Sandoval (2016, p. 109), os dicionários são usados, na maioria das vezes, para consulta de entradas pontuais, porém neles há toda uma abordagem que “confecciona” de forma específica um conjunto social segundo “intencionalidades editoriais e quiçá expectativas de leitores”. No caso desse *Dicionário*, existe um esforço em construir um conjunto de categorias estruturais que operem como ferramentas de análise dessa multidão militante ou ativista e possibilite caminhos

desenvolver com certa flexibilidade sua escrita para dar conta do roteiro de seu biografado/a, de seus pontos vitais e dos seus posicionamentos assumidos ao longo de sua vida. Ao mesmo tempo se oferece uma matriz de campos nos quais se pode ir escrevendo essa narração com a ideia de abordar a maior quantidade possíveis deles, estando esses em função das fontes primárias e secundárias disponíveis, propiciando assim condições para que os diferentes perfis possam ser comparados. Uma descrição detalhada dos elementos técnicos, formais e editoriais propostos aos biógrafos/as participantes se encontra disponível em: <http://dicionario.cedinci.org/como-colaborar/>.

²² Um bom mapa dessa questão que serve de referência para esse texto é *Hemisferio izquierdo* de Razmig Keucheyan (2013).

explicativos. São essas: movimentos sociais, famílias políticas, periodização e gerações. Categorias que permitam estabelecer *afinidades eletivas* e delimitar marcos temporais de compreensão em nível regional, pois se constituiu até agora um olhar que concentra as figuras em contornos nacionais e em suas próprias lógicas contextuais. Porém, além das nuances, das agendas locais e das singularidades de cada história nacional, essa aposta biográfica que é o *Dicionário Latino-americano* sustenta a pretensão de pensar em termos internacionais. Em matéria de periodização das gerações militantes estabeleceram-se dez momentos: 1850-1885 caracterizado pelos socialismos românticos; 1886-1900 e 1901-1916 a primeira e a segunda geração de anarquistas e socialistas, respectivamente; 1917-1930 os ecos da Revolução Russa na região; 1931-1945 quando se configuram as frentes antifascistas e a emergência do trotskismo; 1946-1960 com a Guerra Fria e os populismos; 1961-1976 o indiscutível impacto da Revolução Cubana; 1977-1989 definido pela onda de ditaduras militares e os primeiros ensaios neoliberais; 1990-2004 as crises do futuro devido à queda do comunismo e desde esse momento até o presente os impactos dos progressismos e dos movimentos sociais massificados. A forma foi estabelecida em diálogo com especialistas de diferentes países para considerar os diversos *tempos* nacionais do continente. Esboça-se no projeto 16 famílias políticas e 24 movimentos sociais estabelecidos; todos podem ser consultados em detalhe aqui: <http://diccionario.cedinci.org/categorias/>. Além disso, a empreitada oferece atenção as repressões sofridas pelas figuras biografadas, sua ocupação, nível educacional, nacionalidade, religião, etnia e gênero. Atende-se por tal meio não só homens e mulheres...²³

Trata-se de um ponto de partida necessário, que requer, porém, um constante exercício reflexivo porque o trabalho coletivo de colegas de diversos países e regiões seguramente levará a tensionar e quiçá a reformular esse esquema prévio para que conforme e contenha os diversos *tempos* nacionais do continente.

²³ O *Dicionário Latino-americano* parte do pós-independência dos países latino-americanos e chega ao presente, porém só pessoas falecidas são incluídas.

Diante das famílias políticas, optamos por considerar as/os anarquistas, comunistas, cristãos-revolucionários, guevaristas, maoístas, nacionalistas, populistas, revolucionários, socialistas e trotskistas como as primeiras categorias base. Somar-se-ão a essas outras desse mesmo nível ou criar-se-ão subcategorias que especifiquem os casos concretos. Consideramos para os movimentos sociais o afro-americano, agrarista, ambientalista, artístico, campestre, cooperativo, de direito humano, estudantil, feminista, indígena, operário e pacifista.

Soma-se a isso um conjunto de categorias descritivas dos ofícios, profissões ou ocupações reunindo informações consideráveis. Ademais, atenta-se para as repressões sofridas (detenção, desaparecimento, execução, fuzilamento, prisão política, deportação etc.), a cidadania (nativo, naturalizado, migrante interno, imigrante, deportado ou exilado), a identificação de nichos institucionais e organizativos (formais e informais) nos quais intervêm as figuras tratadas e, claro, a identidade de gênero. Desse modo, não se atendem apenas homens e mulheres, tange-se muitas outras identidades sexo-genéricas, ou diretamente *queer*, nas quais se auto representaram as pessoas biografadas. Identidades sobre as quais se vêm construindo um arquivo e oferecendo detalhamentos significativos a partir do programa *Sexo e Revolução* que se desenvolve no CeDInCI sob a coordenação de Laura Fernández Cordero e um amplo coletivo consultivo.²⁴

O *Dicionário Latino-americano* faz parte de um gênero híbrido, de fronteira, transdisciplinar em que se tem lugar os estudos biográficos, os das esquerdas e movimentos sociais, a sociologia da cultura e diversas vertentes da história como a social ou a relativa ao grande campo do trabalho. No entanto, como se demonstrou ao longo dessas linhas, essa experiência apresenta especial conexão com a *história intelectual* e as suas ferramentas.

²⁴ <http://cedinci.org/sexo-y-revolucion/>. Para uma apresentação descritiva e sintética das categorias referidas do *Dicionário Latino-americano*, cf. <http://diccionario.cedinci.org/presentacion/>.

Por essa razão, presta-se especial atenção à posição de intelectual e das vanguardas artísticas na configuração das esquerdas e dos movimentos sociais latino-americanos. Suas ideias, seus processos de recepção, sua produção escrita ou em outros formatos e, sobretudo, a materialidade em que se plasma sua prática, isto é, as publicações (periódicos, livros e revistas) são observadas de forma sistemática. Ademais, a história intelectual e algumas de suas ferramentas conceituais como *formação*, *afinidades eletivas* ou *estrutura de sentimentos* possibilitam captar marcas subjetivas das tradições políticas ou o impacto de algumas vidas militantes sobre outras.

Especialmente as revistas foram criando um tipo de subuniverso próprio, dentro do dicionário biográfico vinculado ao projeto irmão chamado *América Lee*. O portal de revistas latino-americanas do CeDInCI.²⁵ Nos verbetes do *Dicionário Latino-americano*, aquelas revistas, nas quais os militantes e ativistas participaram ou criaram como plataforma para seus esforços e intervenções, convertem-se em muitos casos em hyperlinks que conduzem para a própria revista digitalizada, disposta e apresentada no portal indicado. Assim como ocorre com as próprias entradas que remetem permanentemente umas às outras, vai-se construindo um tráfico reticular próprio de uma socio-biografia.

Em suma, ancorando-se na tradição biográfica latino-americana, da qual tentamos oferecer uma dimensão nesse texto, começamos uma empresa coletiva que se vincula à iniciativa biográfica principiada na França pelo historiador Jean Maitron em

²⁵ Coordenado pela pesquisadora e arquivista Karina Janello e dirigido por Horacio Tarcus, *América Lee*, <http://americalee.cedinci.org/>, foi criado em 2016 e já disponibilizou o acesso (remoto) de quase duas centenas de coleções de revistas argentinas e latino-americanas, mediado por um cuidadoso processo de digitalização, de construção de índices analíticos e de estudos elaborados por especialistas. O portal colocou-se como uma fonte arquivística fundamental ao avançohistoriográfico e conta como reconhecimento da UNESCO, cujo Programa Memória do Mundo da região premiou uma coleção do acervo América Lee: a Coleção Imprensa Operária do Cone Sul da América Latina.

1955 e vigente até a atualidade. Constituir e sustentar essa empresa requererá décadas de esforços pessoais e institucionais de diversos tipos, porém os usos que possibilitará, como espaço de memória, como meio para o avanço dos campos de estudo mencionados e como circulação e divulgação de vidas e práticas concretas que construíram as esquerdas e os movimentos sociais, serão diversos e inspiradores aos ativismos contemporâneos que sustentam, de forma particular e criativa, a utopia de que o mundo melhor e mais justo pode ser pensado e construído.

Referências

AARÃO, Daniel Reis Filho. **Luís Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

AAVV. **Nunca los olvidaremos. Luchadores sociales su legado a la historia**. Bogotá: Punto de encuentro, 2019.

AGUIRRE ROJAS, Carlos. Hacer la historia, saber la historia: entre Marx y Braudel. **Cuadernos Políticos**, n. 48, 1986, p. 45-72.

AGUIRRE, Indalecio Liévano. **Bolívar**. Caracas: Presidencia de la República, 1985.

ANDERSON, John Lee. **Che Guevara: Una Vida Revolucionaria**. Buenos Aires: Emecé, 1997.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

ARICÓ, José. **Marx e a América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ÁVILA, Jesús Antonio Bejarano. Guía de perplejos: una mirada a la historiografía colombiana. **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura-ACHSC**, n. 24, 1997, p. 283-329.

BAO, Ricardo Melgar. **Historia del movimiento obrero latinoamericano: historia de una clase subalterna**, vol. 1-2. México: Alianza, 1988.

BATALHA, Claudio (org.). **Dicionário do movimento operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920 militantes e organizações**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

BATALHA, Claudio. Escrevendo a biografia dos “obscuros e ativos”: A experiência do dicionário do movimento operário na cidade do Rio de Janeiro. **Perseu**, n. 3, ano 3, 2009, p. 173-183.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliographico brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 183-191.

BRUNO, Paula. Biografía, historia biográfica, biografía-problema. **Prismas**, n. 20, 2016, p. 267-272.

CAETANO, Gerardo; GALLARDO, Javier; RILLA, José. **La izquierda uruguaya: tradición, innovación y política**. Montevideo: Trilce, 1995.

CANO, Gilberto Loaiza. El recurso biográfico. **Historia crítica**, n. 27, 2004.

CARR, Barry. **La izquierda mexicana a través del siglo XX**. México: ERA, 1996.

CHARLE, Christopher. La prosopografía o biografía colectiva. Balance y perspectivas. **Revista Clivajes**, n. 2, 2014, p. 1-12.

Colección Documental de la Independencia del Perú. **Colección Documental de la Independencia del Perú**. Lima: CNSIP, desde 1969.

Colección Grandes de Chile. **Colección Grandes de Chile**. Santiago: Universidad de Santiago de Chile, desde 2010.

DÁVILA, Camila Moyano; RUIZ, Francisca Ortiz. Los Estudios Biográficos en las Ciencias Sociales del Chile reciente: Hacia la consolidación del enfoque. **Psicoperspectivas, Individuo y Sociedad**, Vol. 15, n. 1, 2016, p. 17-29.

DONGHI, Tulio Halperin. **José Hernández y sus mundos**. Buenos Aires: Sudamericana/Universidad Di Tella, 1985.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**. São Paulo: Edusp, 2009.

FALCÓN, Ricardo; MACOR, Darío; MONSERRAT, Alejandra. Obreros, artesanos, intelectuales y actividad político-sindical aproximación biográfica a un perfil de los primeros militantes del movimiento obrero argentino. **Revista de Estudios Sociales**, n. 1, 1991, p. 29-73.

FAUSTO, Boris. **Trabalho Urbano e Conflito Social**. São Paulo: DIFEL, 1976.

FUENTES, Jorge Morúa. **José Revueltas, una biografía intelectual**. México: UAM, 2001.

GILLY, Adolfo. **Felipe Ángeles, el estratega**. México: Era, 2019.

GREZ, Sergio. **Historia del Comunismo en Chile. La era de Recabarren (1912-1924)**. Santiago: LOM, 2011.

GROPPO, Bruno. Los diccionarios biográficos del movimiento obrero: análisis comparado de un género científico. **Políticas de la Memoria**, n. 13, 2013, p. 13–21.

JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista, 1919-1943. Diccionario Biográfico**. Chile: Ariadna ediciones, 2015. Disponible em: <https://books.openedition.org/ariadnaediciones/987>.

JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista, 1919-1943. Diccionario Biográfico**. Chile: Ariadna ediciones-Clacso, 2017. Disponible em: https://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana/libro_detalle.php?orden=nro_orden&id_libro=1284&pageNum_rs_libros=1&totalRows_rs_libros=1236&orden=nro_orden.

JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. La experiencia de composición del diccionario biográfico de la izquierda latinoamericana. Problemas de búsquedas en archivos y retos actuales. In: JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor; Urrego, Miguel Ángel (org.). **Izquierdas, movimientos sociales y cultura política en América Latina**. México: Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, Universidad Estatal de San Petersburg, 2016, p. 421-442.

JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor; HUBER, Pater. **América Latina y la Internacional Comunista. Diccionario Biográfico**. Moscou/ Génève: Instituto de Latinoamérica de la Academia de las ciencias/ Institut pour l'histoire du communisme, 2004.

KAREPOVS, Dainis. **Pas de Politique Mariô! Mario Pedrosa e a Política**. São Paulo: Ateliê, 2017.

KEUCHEYAN, Razmig. **Hemisferio izquierda. Un mapa de los nuevos pensamientos críticos**. Madrid: Siglo XXI, 2013.

KRAUZE, Enrique. **Daniel Cosío Villegas: una biografía intelectual**. México: Joaquín Mortiz, 1980.

LESSA, Patrícia. **Amor e Libertação em Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Entremares, 2020.

LINDLEY, Hilda Tísoc. **La agonía social de Flora Tristán y el movimiento feminista**. Lima: s/l, 1971.

LOBATO, Mirta Zaida (org.). **Biografías de Militantes Sindicales de Ricardo Falcón, más otros ensayos**. Buenos Aires: FFyL-UBA, 2014.

LOMNITZ, Claudio. **El regreso del camarada Flores Magón**. México: Era, 2014.

LÓPEZ, Osvaldo. **Diccionario Biográfico Obrero de Chile**. Santiago de Chile: Bellavista, 1912.

Los grandes nombres poder. **Los grandes nombres poder**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, desde 1996.

MECCIA, Ernesto. Introducción. In: MECCIA, Ernesto (org.). **Biografías y sociedad. Métodos y perspectivas**. Buenos Aires: Eudeba-Universidad Nacional del Litoral, 2020.

MORA, Alberto Mayor. **Técnica y utopía. Biografía intelectual y política de Alejandro López, 1876-1940**. Medellín: Fondo Editorial Universidad Eafit, 2001.

PARIS, Robert. Biografía y 'perfil' del movimiento obrero. Algunas reflexiones en torno a un Diccionario biográfico del movimiento obrero de América Latina. **Pacarina del sur. Revista de pensamiento crítico latinoamericano**, nº 15, 2013. Disponible em: <http://pacarinadelsur.com/home/abordajes-y-contiendas/678-biografia-y-perfil-del-movimiento-obrero-algunas-reflexiones-en-torno-a-un-diccionario-biografico-del-movimiento-obrero-de-america-latina>.

PASSERON, Jean-Claude. Biografía, fluxos, itinerários e trajetórias. In: PASSERON, Jean-Claude. **O raciocínio sociológico: o espaço não-popperiano de raciocínio natural**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Caio Prado Júnior: uma biografia política**. São Paulo: Boitempo, 2016.

PINTO, Julio. **Luis Emilio Recabarren, una biografía histórica**. Santiago de Chile: LOM, 2014.

POSADA, Ignacio Arizmendi. **Presidentes de Colombia 1810-1990**. Bogotá: Planeta, 1989.

PRADO, Pedro Segundo. **Diccionario biográfico de los demócratas de Chile**. Santiago de Chile: Imprenta Cervantes, 1923.

RAGO, Margareth. **Entre la historia y la libertad: Luce Fabbri y el anarquismo contemporáneo**. Montevideo: Nordan, 2001.

ROMERO, José Luis. La biografía como tipo historiográfico. **Humanidades**, tomo 29, 1944. Disponible em: <https://jloromero.com.ar/publicaciones/la-biografia-como-tipo-historiografico-1944>.

SANDOVAL, Juan David Murillo. La confección del Diccionario biográfico obrero de Chile Cultura impresa y sociabilidad obrera a comienzos del siglo XX. *Iberoamericana*, Vol. 16, n. 62, 2016, p. 107-129.

SOSA DE NEWTON, Lily. **Diccionario biográfico de mujeres argentinas**. Buenos Aires: Plus Ultra, 1986.

TARACENA, Arturo Arriola; MONTEFLORES, Omar Lucas. **Diccionario biográfico del Movimiento Obrero Urbano de Guatemala. 1877-1944**. Guatemala: Flacso Guatemala/Editorial de Ciencias Sociales, 2014.

TARCUS, Horacio. **Diccionario Biográfico de la Izquierda Argentina. De los anarquistas a la "nueva izquierda"**. Buenos Aires: Emecé, 2007.

TARCUS, Horacio. **El marxismo olvidado en la Argentina: Silvio Frondizi y Milcíades Peña**. Buenos Aires: El cielo por asalto, 1996.

TARCUS, Horacio. La biografía colectiva. Por un "Diccionario de las izquierdas y los movimientos sociales latinoamericanos". *Iberoamericana*, vol. 13, n. 52, 2013, p. 139-154.

TARCUS, Horacio. Los diccionarios biográficos de América Latina, entre la historia del movimiento obrero y las izquierdas. Un homenaje a Robert Paris. **Pacarina del sur. Revista de pensamiento crítico latinoamericano**, n. 32, julio-septiembre de 2017. Disponible em: <http://pacarinadelsur.com/home/huellas-y-voces/1492-los-diccionarios-biograficos-de-america-latina-entre-la-historia-del-movimiento-obrero-y-las-izquierdas-un-homenaje-a-robert-paris>.

TARCUS, Horacio. Una invitación a la historia intelectual. Palabras de apertura del II Congreso de Historia intelectual de América Latina. **Pléyade**, n. 15, 2015, p. 9-25.

VERRET, Michel. Biographies, militants, dictionnaires. In: DREYFUS, Michel; PENNETIER, Claude; VIET-DEPAULE, Nathalie. **Le part des militants. Biographie et mouvement ouvrier: Autour du Maitron, Dictionnaires biographique du mouvement ouvrier français**. París: Les Editions de l'Atelier, 1996, p. 21-33.

VIDAL, Gardenia (org.). **Reseña biográfica de dirigentes que interpelaron el mundo del trabajo en Córdoba 1900-1950**. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2014.

WOMACK, John. **Zapata y la Revolución Mexicana**. México: Siglo XXI, 1969.

ZUBILLAGA, Carlos. **Perfiles en sombra: aportes a un diccionario biográfico de los orígenes del movimiento sindical en Uruguay (1870-1910)**. Montevideo: Librería de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2008.